



COMO TRAZER A BNCC PARA A SALA DE AULA?

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....01

O QUE MUDA A PARTIR DA BNCC.....02

**INICIANDO A IMPLEMENTAÇÃO
DA BNCC.....03**

A BNCC NA PRÁTICA COTIDIANA.....05

• Provas e avaliações.....07

• Conteúdo menos abundante e mais direcionado.....08

**O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO
NA TRANSIÇÃO.....09**

• Apoio Digital.....09

CONCLUSÃO.....10

INTRODUÇÃO

A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, homologada pelo MEC em 2018, já está em fase de adaptação para os currículos escolares de todo o país. Por um lado, o documento traz uma proposta de **educação com base em habilidades e competências que não se limitam ao ensino cognitivo, trazendo também a perspectiva socioemocional**, que atinge de forma transversal todos os conteúdos.

Por outro, **a Base traz um desafio aos educadores do país**: como trazê-la para a sala de aula? Como desenvolver

as competências gerais dos alunos? Como adaptar os métodos de ensino para que cumpram as exigências de agora?

Para ajudar nesse processo e reduzir as inseguranças a respeito do novo formato, neste material vamos nos aprofundar justamente em **como adaptar e utilizar a BNCC na prática**, seja no material didático, seja nas dinâmicas e rotinas de sala de aula.





O QUE MUDA A PARTIR DA BNCC

Por se tratar de um documento novo, cuja aplicação ainda está sendo estudada e planejada por todo o país, é natural que haja insegurança por parte de coordenadores, professores e educadores de um modo geral.

Porém, apesar de a Base estar em vigor há pouco tempo, seus fundamentos residem em documentos bem mais antigos e amplamente conhecidos: **a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).**

A BNCC foi elaborada com base nas disposições já estabelecidas, mas de forma a ampliá-las e especificá-las.

A diferença maior consiste no fato de que a Base delimita com mais clareza os objetivos de aprendizagem para cada ano e as habilidades que devem ser trabalhadas, mas não se trata de um rompimento com o conteúdo curricular já trazido anteriormente.

O ponto mais inovador trazido pela Base diz respeito à abordagem das **competências socioemocionais**, que ajudam a trazer a formação integral para a rotina escolar, isto é, a formação que ajuda a desenvolver o estudante de forma multidimensional: emocional, cultural, física, social e intelectual.

Dessa forma, a BNCC não demonstra **como ensinar**, mas sim **o que ensinar**. Isso significa que **as práticas pedagógicas e as rotinas de ensino ficam a cargo dos municípios e das escolas**. O documento não impõe um currículo específico, mas estabelece orientações normativas para sua formulação. Assim, **cada escola está livre para adaptar a Base de acordo com suas próprias particularidades e regionalismos**, da maneira que for mais coerente – de forma que o professor não precisará mudar seu estilo ou sua personalidade para dar as aulas, mas sim considerar novas perspectivas ao planejá-las.

INICIANDO A IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC



O primeiro passo para iniciar a implementação da BNCC nas escolas é **estudá-la**. A Base traz, de forma bastante específica, didática e detalhada, tudo que é necessário saber para conhecê-la a fundo. **Essa atividade deve ser feita por todo o corpo pedagógico**: diretores, coordenadores e professores terão enormes proveitos se começarem a partir de uma imersão profunda no que o próprio texto diz.

Após o estudo aprofundado da Base, a recomendação é **revisitar o Projeto Político Pedagógico (PPP)**, documento que delimita os objetivos da instituição. Nesse ponto, é necessário entender

que nem tudo deve necessariamente ser mudado – o mais importante é comparar suas disposições com as trazidas pela BNCC e verificar tanto as que já atendem, quanto as que devem ser adaptadas ou até mesmo substituídas.

Após a apropriação do conteúdo da Base por parte do corpo docente e a integração de seus fundamentos no PPP da escola, **é importante sintetizar e levar as mudanças para pais e responsáveis**. Nesse ponto, transparência é fundamental nas reuniões com os familiares, de maneira a explicar questões como a origem da BNCC, o que são as competências e as habilidades, como essa nova abordagem



modificará o estudo individual e coletivo dos alunos, o que é a formação integral e de que forma poderá ocorrer a educação socioemocional dentro da instituição de ensino.

Um bom diálogo com os responsáveis pode, inclusive, ajudar a construir essa nova educação de forma colaborativa, incluindo a família e promovendo uma extensão do que for trabalhado na escola também para dentro de casa.

Em paralelo, **a formação continuada dos professores é vital para uma boa transição.** Além de aprofundar-se no

estudo da BNCC, a escola pode fornecer um **projeto de capacitação** com base em práticas e metodologias novas que tragam o enfoque socioemocional ou o trabalho por competências e habilidades, por exemplo. Outra boa prática consiste em **promover grupos de estudo entre os professores** (podendo ser divididos por área do conhecimento, para abranger também as competências específicas de cada área), para um melhor entendimento de como ensinar levando em conta as novas perspectivas de formação integral dos alunos.



A BNCC NA PRÁTICA COTIDIANA

Um bom estudo do documento não se refere apenas à compreensão das habilidades e dos conteúdos que devem ser trabalhados. **A formação integral trazida pela BNCC propõe repensar a escola como um todo.** Não se trata de adequar somente as aulas, mas também o ambiente, as rotinas, as relações e as práticas.

A tecnologia, por exemplo, é um dos grandes enfoques da BNCC. Seu uso é necessário ao longo de toda a vivência escolar e os gestores devem estar preparados para isso, trazendo os equipamentos e adequações necessárias. Em outro aspecto, as 10 competências gerais trazem uma visão para além das salas de aula:

<p>COMPETÊNCIA GERAL 6</p>	<p>Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Envolve a formação de consciência crítica, a responsabilidade e a liberdade de escolha para que cada estudante possa elaborar seu próprio projeto de vida.
<p>COMPETÊNCIA GERAL 9</p>	<p>Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Envolve as habilidades socioemocionais como empatia, respeito, diálogo e resolução de conflitos na perspectiva da diversidade e do combate ao preconceito.
<p>COMPETÊNCIA GERAL 10</p>	<p>Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Envolve outras habilidades socioemocionais, na forma de tomada de decisões e resiliência, além de incentivar o comportamento autônomo e protagonista dos alunos, a partir de uma consciência mais ampla sobre valores democráticos e sustentáveis.

Vemos, então, **que as competências gerais da Base já preveem um trabalho multidimensional das habilidades e dos conhecimentos cognitivos.** Vale destacar que para trabalhar habilidades socioemocionais não basta ajustar o conteúdo: **é preciso criar condições para seu desenvolvimento.** Isso passa também por um estímulo e uma maior mediação nas relações sociais entre os próprios alunos, entre os alunos e os professores e entre os alunos e os demais funcionários da escola.

Nesse sentido, uma prioridade para os gestores deve ser investir nos ambientes e em sua infraestrutura, como os pátios, as áreas de convivência e a bibliotecas, por exemplo, para que os alunos consigam dialogar entre si, elaborar discussões e desenvolver o pensamento crítico. Atividades que envolvam o debate de ideias devem ser estimuladas pelos professores e pela comunidade escolar como um todo.

Isso não significa necessariamente um gasto significativo em reformas ou mudanças físicas na escola – basta considerar **o que é possível ser feito para tornar a estrutura mais receptiva e propícia para as atividades** (nem que isso signifique mudanças na rotina de limpeza, por exemplo).

Para formar alunos mais independentes, responsáveis e capazes de fazer escolhas com consciência crítica e percepção das consequências, convidá-los a fazer parte das regras e da tomada

de decisões dentro do ambiente escolar também é uma boa ideia.

É possível criar comissões de alunos responsáveis por pensar soluções para aspectos fundamentais como o tratamento do lixo, a limpeza, a criação de eventos culturais ou até mesmo o uso da tecnologia dentro da escola. As capacidades de mediação e de resolução de conflitos também são trabalhadas e as responsabilidades podem ser concedidas gradualmente, de acordo com a idade dos estudantes.

Para além das práticas, **o professor também deve se considerar como um dos elementos-chave para uma boa transição.** Não basta promover as mudanças com os alunos: é necessário repensar as próprias práticas pedagógicas e se dispor, acima de tudo, a se renovar e se transformar enquanto educador, com mente aberta para entender por que as mudanças previstas pela Base se fazem necessárias.





Provas e avaliações

Outro ponto importante a ser entendido na implementação da BNCC é **que o conhecimento cognitivo puro deixa de ser o maior enfoque da formação**. Sendo assim, as provas e avaliações deverão ser repensadas para abrangerem mais do que apenas o nível de informações absorvidas por cada estudante, tornando-se mais próximas da avaliação formativa e do acompanhamento a longo prazo dos alunos.

A própria Base dá pistas sobre como isso deve ser trabalhado. **Cada habilidade propõe que o conteúdo deve ter em si uma finalidade e uma intencionalidade pedagógica**. Assim, saímos de uma formação conteudista para uma formação que considera o que é possível fazer com o conhecimento adquirido.

O aluno passa a entender seus conhecimentos em História, por exemplo, para saber por que é necessário lutar por direitos hoje. Passa a entender o que aprende em Língua Portuguesa porque precisa estabelecer uma boa argumentação para conseguir discutir, debater e chegar a consensos durante a vida. Passa a entender a importância do que aprende em Biologia para reconhecer a necessidade da conservação da natureza e do combate às práticas que prejudicam o meio ambiente.

O conteúdo, então, passa a ter significado para além das provas e é sob esse fundamento que as avaliações curriculares devem ser reformuladas.

Conteúdo menos abundante e mais direcionado

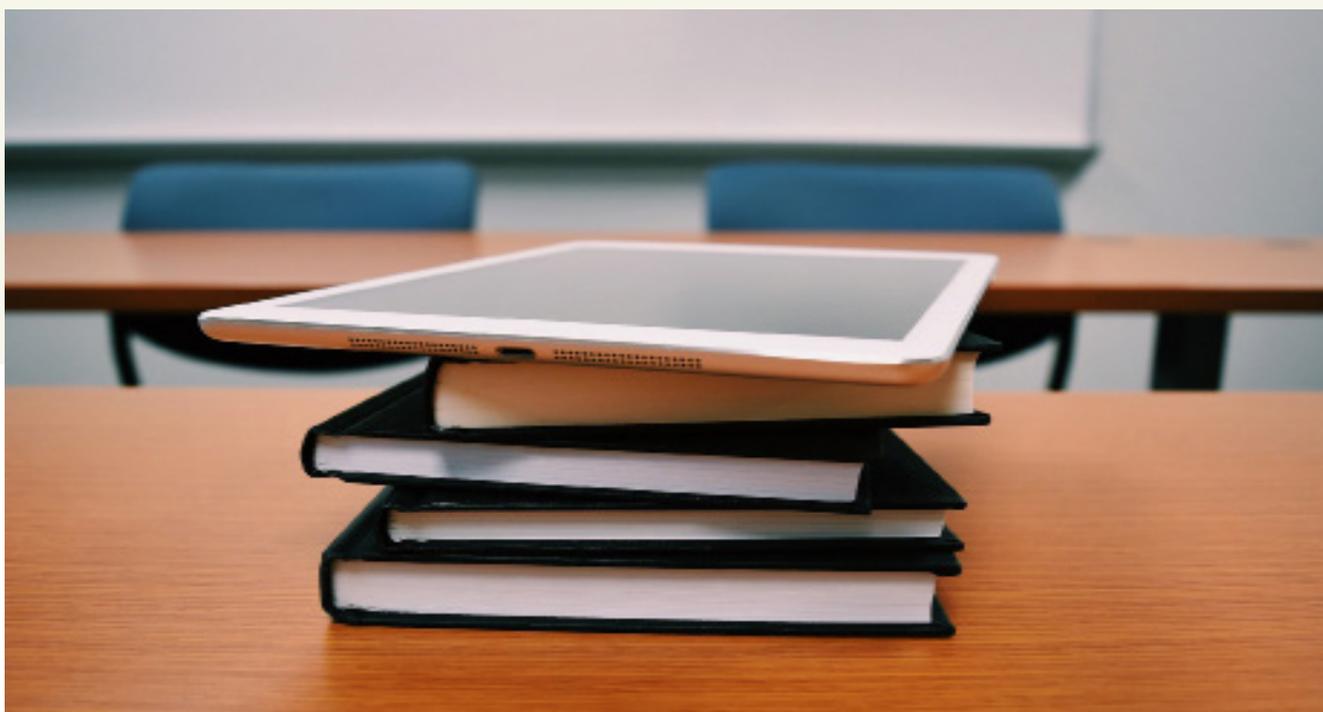
Também por conta desse enfoque no conteúdo significativo, a BNCC prevê que o volume de assuntos seja mais enxuto e direcionado. A abundância de matérias dá lugar ao conteúdo realmente essencial à formação, que tenha aplicabilidade no dia a dia e cujo sentido possa ser percebido pelo estudante. Trata-se de **substituir um excesso de informações por um aprendizado de maior qualidade, que esteja relacionado à sociedade e à vida do estudante de forma mais clara.**

Com menos conteúdo e mais foco no desenvolvimento de habilidades, espera-se a formação de um estudante que saiba se aprofundar em suas áreas de interesse, com autonomia para buscar

conhecimento independentemente do conteúdo programático.

Um ponto decorrente dessa nova estrutura de ensino, com base na intencionalidade pedagógica e na aprendizagem significativa, é o conteúdo contextualizado. Isso significa que tudo que é aprendido deve fazer parte de um contexto maior relacionado à vida do estudante e com algum nível de aplicação prática. Ou seja, não basta apenas ensinar o conceito, sendo necessário também que o aluno entenda por que aquilo é importante, qual o sentido por trás do conteúdo e como ele pode se apropriar dele, tornando-o útil para a sua vida além da realização da prova.

Para explorar melhor esse aspecto, o portal BNCC na Prática apresenta uma matriz curricular que traduz as disposições da Base para aplicações cotidianas na escola.



O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NA TRANSIÇÃO

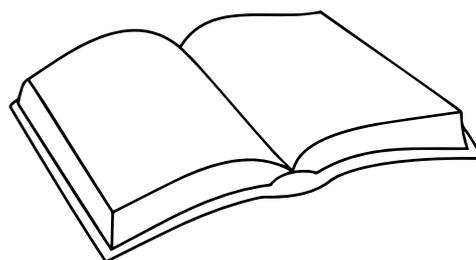
Assim como todos os elementos da experiência estudantil, **o livro didático também está passando por um redesenho de forma a adequar-se à BNCC**. O material didático, nesse aspecto, terá o papel fundamental de ajudar a escola e o professor não só a replanejar as aulas, mas também a facilitar esse processo de adaptação.

As editoras já estão ajustando as obras para dar suporte às mudanças previstas pela Base, como a formação com base nas competências, nas habilidades e na dimensão socioemocional. Além disso, o material deve estar mais contextualizado ao cotidiano do aluno, levando em conta a aprendizagem significativa.

Nesse sentido, um papel importante será desempenhado pelo **manual do professor**, com direcionamentos e sugestões de abordagem que orientem o docente a criar planos de aula mais dinâmicos, que consideram as competências socioemocionais e que contextualizam os temas de forma a atender o que é esperado pela BNCC.

Apoio Digital

Os **Objetos Educacionais Digitais (OEDs)** também desempenham papel importante na implementação da Base. A própria BNCC já estabelece um



grande enfoque **no uso da tecnologia e na cultura digital**, que toma forma na competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Essa competência prevê **o uso das ferramentas digitais de forma ética, responsável e inclusiva**, como um instrumento para que o estudante possa exercer protagonismo e colaborar para o debate público. Nesse sentido, a formação dos alunos deverá passar necessariamente por uma apropriação dessas tecnologias.

Os OEDs aparecem como aliados nesse contexto. Eles poderão englobar jogos eletrônicos, videoaulas, apresentações interativas ou quaisquer outros conteúdos que tenham como finalidade facilitar a aprendizagem.





CONCLUSÃO

A implementação da BNCC envolve diversas mudanças que podem parecer trabalhosas: alteração no Projeto Político Pedagógico, nova seleção de livros didáticos, revisão de práticas pedagógicas em sala e fora dela, adaptação dos espaços, uso de tecnologia...

Entretanto, é possível reaproveitar as estruturas já oferecidas pela escola na implementação da Base. O que realmente é indispensável para trazer a BNCC para a prática é o desejo de renovação por parte de coordenadores e do corpo docente.

Mudar de perspectivas e de hábitos nunca são processos fáceis. Por outro lado, a Base prevê justamente uma renovação, não apenas do conteúdo e das habilidades, mas também da atuação do professor em prol de uma educação direcionada para o hoje e para o futuro.

